

A large, textured fabric piece is shown on the left side of the page. It features a dense, intricate pattern of threads in various colors, including shades of green, brown, blue, and orange, creating a complex, organic-looking texture.

44º Colóquio do Comitê
Brasileiro de História da Arte

21 A 26 DE OUT/24

A large, dark brown rectangular frame with a slightly irregular, hand-drawn appearance. It encloses the main title text.

**TRAMAS
TEÓRICO-
ARTÍSTICAS**

Teias, texturas e
narrativas na
História da Arte

CADERNO DE RESUMOS



Caderno de resumos

DESLOCAR NO ESPAÇO, SOBREPOR NO TEMPO: EM TORNO DE RUAQUINTAL, DE HÉLIO FERVENZA

Eduardo Ferreira Veras, professor

Universidade Federal do Rio Grande do Sul / CBHA

Resumo expandido:

Ruaquintal é um trabalho realizado entre 2005 e 2016 pelo artista visual Hélio Ferverza (Sant’Ana do Livramento, RS, 1963). Combina sete versões de um mesmo mapa vertical, medindo 75 por 60 centímetros, apropriado de um velho guia de ruas de Porto Alegre e reimpresso sobre papel-algodão. A representação corresponde a determinado trecho do bairro Petrópolis, nas imediações da casa do artista. Cada versão do mapa traz assinalado o nome de uma diferente árvore frutífera, nativa ou exótica, que nasce na calçada, oferecendo seus frutos em pleno espaço público. Em torno de cada palavra, ocorre uma espécie de apagamento. A definição gráfica se esvanece pouco a pouco, como se os nomes – *abacateiro*, *caramboleira*, *cerejeira-do-mato*, *jabuticabeira*, *jambolão*, *limoeiro* e *nespeira* – houvessem aberto uma espécie de clareira, turvando a visão do mapa e dificultando seu emprego.

As sutilezas do trabalho – a absorção de deslocamentos cotidianos pela cidade, a identificação de inesperadas oferendas da natureza, o uso de mapas, o gesto de apropriação, o simbolismo e a literalidade dos apagamentos, a ambiguidade entre o privado e o público – parecem demandar uma abordagem historiográfica que considere fortemente tanto os regimes de temporalidade da arte, com seus desaparecimentos, seus retornos e seus atravessamentos históricos, quanto os aspectos subjetivos que podem acompanhar a escrita da História da Arte.

Do ponto de vista metodológico, a trama que se desenha aqui articula, de um lado, instrumentos de análise caros ao *anacronismo histórico*; de outro, o uso da *entrevista com o artista*. O viés anacrônico, ancorado na livre interpretação que Georges Didi-Huberman projeta sobre o pensamento de Aby Warburg, costura analogias entre imagens provenientes de diferentes épocas, fazendo colidir o momento mais próximo e os mais distantes. No caso de *Ruaquintal*, o trabalho

de Fervenza ecoa as derivas, as caminhadas e as cartografias dos anos 1960 e 70, mas também recua à tradição dos artistas viajantes dos séculos XVII, XVIII e XIX, aqueles que, a serviço do poder e da ciência, buscavam mapear os territórios conquistados e as singularidades da natureza. A abordagem não investiga apenas quais teriam sido as referências do artista no momento da criação, ela pressupõe que aquele que se propõe a examinar a obra é também um *autor*, com seu próprio repertório, suas intuições e seus insights.

Nessa mesma linha, as entrevistas vão conjugar a subjetividade do entrevistado e a do entrevistador, seja no momento da realização da conversa, seja, adiante, em sua análise. No cerne, a trama me permite repensar minha própria relação com a cidade e com as práticas artísticas – além de contribuir, suponho, para experimentar outras possibilidades de escrita da História da Arte.

Palavras-chave: Anacronismo; Entrevista; Deriva; Hélio Fervenza; *Ruaquintal*.



Figura 1

Hélio FERVENZA (Sant'Ana do Livramento, 1963)

Ruaquintal, 2005-16

Impressão com pigmento mineral sobre papel-algodão

75 x 60 cm, cada um dos sete mapas

Montagem na exposição coletiva *Salta d'água* (2017)

Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre

Foto: Bruno Tamboreno

